

Entre letras

Revista realizada por alunos e ex-alunos do CCBP

Ano IV. N° 11
Abril 2018

Cinema Brasileiro



**Os principais diretores com grandes trajetórias,
As maiores exposições de cinema,
Os filmes mais memoráveis.**



Este número da revista Entreletras está dedicado ao cinema brasileiro. A exatos 122 anos ocorre a primeira exibição de cinema no Brasil e desde então a produção cinematográfica do nosso país veio se aperfeiçoando e se tornando bastante conhecida em várias partes do mundo.

O cinema em si, desde que foi criado, passa a ser mais um meio de exibição da cultura e identidade de um povo. Recupera memórias e dá vida ao que antes se achava que havia caído no esquecimento. É justamente através da seção “Bate Papo com...”, pelas palavras do diretor peruano Tito Cabellos, que você vai descobrir como a magia do cinema desperta o interesse na reconstrução de vivências vistas de diferentes perspectivas.

Além disso, você vai conhecer um pouco sobre a trajetória de trabalho de diretores brasileiros de renome, alguns filmes que lotaram as salas de cinema e que foram indicados ao Prêmio Oscar e muito mais.

Prontos para embarcar nessa viagem cinematográfica? Então aproveite a leitura!

Equipe de redação desta edição:

Ademir dos Santos

David Farfán

Dora Cerna

Elía Ramos

Fiorella Favero

Helen Valero

Jessica Chávez

Karen Pinedo

Karla Pulgar

Luiza Castro

Melina Morey

Paola Tito

Sandra Barrios

Simone Mitma

Sonia Chacaliaza

Stephany Del Portal

Violeta García

Desenho e diagramação:

Helen Valero

Rozenilda Falcão

Diretora do Centro Cultural Brasil-Peru

Jaqueline Soares

Coordenadora pedagógica do Centro Cultural Brasil-Peru

Solange López e Simone Mitma
Editoras da revista e professoras
do Centro Cultural Brasil-Peru

Entreletras é uma revista produzida por alunos e ex-alunos do Centro Cultural Brasil-Peru e coordenada pelas professoras Simone Mitma e Solange López.

Envie sugestões e comentários para revistaentreletrascbp@gmail.com

Acesse os demais números da revista em www.issuu.com/revistaentreletras

Gente Brasileira

Glauber Rocha

por Karen Pinedo

José Padilha

por Jessica Chávez

Andrucha Waddington

por Melina Morey

Fernando Meirelles

por Dora Cerna

4

Vale a pena curtir

Longa metragem: O auto da compadecida

por Paola Tito

Animacao: O menino e o mundo

por Sandra Barrios

Documentário: Lixo extraordinário

por Helen Valero

8

De carona pelo Brasil

O quatrilha

por Ademir dos Santos

Xingu O filme

por Karla Pulgar

11

Tá na capa

Cinema brasileiro

por Luiza Castro

13

Cultura e arte

Festival de Cine de Lima

por Elia Ramos

Festival de Gramado

por Sonia Chacaliza

15

O que rola no CCBP

por Simone Mitma

17

Diário de Bordo

Central do Brasil

por Violeta García

18

Bate-papo com...

Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

por Stephany Del Portal

19

Tempo de leitura

por David Pinday

22

Bravo!

por Fiorella Favero

24

Por Karen Pinedo



Glauber Rocha



Glauber de Andrade Rocha foi um dos principais cineastas do Brasil, sendo integrante do movimento “Cinema Novo” que surgiu no começo dos anos 1960. O trabalho dele foi elogiado por alguns e criticado por outros, devido aos temas tratados em seus filmes e os estilos controversos para fazer cinema. Ele nasceu em 1939 em Vitória da Conquista, na Bahia. Um fator que influenciou bastante na forma de pensar dele é que foi criado na religião da sua mãe, protestante. A religião e o jeito de ver o mundo espiritual é um tema frequente em seus filmes.

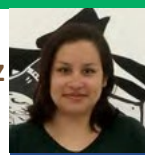
Rocha não fazia cinema convencional, por isso a sua forma de produzir obras foi algumas vezes incompreendida. Criticou sempre o cinema de Hollywood, o estilo americano. Isto devido a que, de acordo com ele, cinema é para ver e ouvir, não para contar coisas. Então, sua finalidade para fazer cinema foi gerar um estado de choque nas pessoas, não que elas gostassem precisamente da história dos filmes. Ele foi catalogado desde gênio e até de louco, porque se focou no sentir que expressava o filme através do mecanismo audiovisual, mas não se preocupou nunca em seguir as leis normais da dramaturgia. Os temas da maioria dos filmes são de conteúdo político, religioso, social e cultural. Muitas das suas obras refletem a cultura brasileira, a maneira em que eles percebiam o entorno: suas preocupações, suas crenças e sobretudo, seus medos.

Apesar de ter sido muito controverso, ele conseguiu reconhecimento e elogios para seu trabalho. No importante Festival de Cannes ele obteve: o Prêmio da Crítica pelo filme “Terra em Transe”, o Prêmio de Melhor Diretor pelo filme “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro” e o Prêmio Melhor curta-metragem por “Di Glauber”. Ele foi homenageado, da mesma forma, no Festival Internacional de Cinema de Locarno com um Leopardo de Ouro, pelo filme “Terra em Transe”. Dentro de sua filmografia se destacam também: “Barravento”, “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, “Cabeças Cortadas”, “Câncer”, e “A Idade da Terra”. Por outro lado, ele fez curtas-metragens e documentários importantes na política e cultura brasileira como “Pátio”, “Cruz na Praça”, “Amazonas, Amazonas” e “Maranhão 66”.

Lamentavelmente, o conteúdo de seus filmes, a forma de pensar e de se expressar, fez que se tornasse perseguido político por muitos anos. Morou por algum tempo na Europa, para logo após voltar ao Brasil. No seu país, ele escreve para os jornais Folha de São Paulo, Correio Braziliense e Jornal do Brasil. Continuou fazendo cinema e lutou para um melhor investimento no cinema brasileiro, ele sempre falou sobre as dificuldades e o mínimo apoio do governo nas produções cinematográficas nacionais. Ele faleceu em 1981 vítima de septicemia, com só 42 anos de idade. ■

José Padilha

Por Jessica Chávez



José Padilha, ganhador do Urso de Ouro (2008), é cineasta, roteirista, documentarista e produtor brasileiro, nasceu em primeiro de agosto de 1967 no Rio de Janeiro, formou-se em Administração de empresas pela Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Começou sua carreira como produtor com o filme “Tanga: Deu no New York Times” (1987), depois em parceria com o fotógrafo e diretor Marcos Prado fundaram a Zazen Produções no ano 1997, seu primeiro roteiro foi para o documentário Os carvoeiros (1999). Além disso produziu e realizou outro documentário chamado Os Pantaneiros.

“Ônibus 174” (2002) foi seu primeiro longa-metragem como diretor onde conta o acontecido no Rio de Janeiro com o sequestro de um ônibus que foi um acontecimento trágico. No ano 2005, chegou “Fome” documentário sobre a vida de uma família mineira e como lida com a fome e o cotidiano.

Continuando como diretor, realizou o filme “Tropa de Elite” (2007) sua primeira ficção que teve muito sucesso e foi por esse filme que ganhou o Urso de Ouro no Festival de Berlim no ano 2008 como o melhor filme.

Nos anos seguintes continuou realizando e produzindo documentários e filmes como “Os Segredos da tribo”, “Tropa de Elite 2”, “Paraísos artificiais” e o remake do filme “Robocop” no ano 2014.

Padilha formou parte da série de televisão “Narcos” (2015) da plataforma Netflix, ele dirigiu os dois primeiros episódios e continuou como produtor executivo. Este 23 de março estreia-se a série baseada no caso Lava Jato chamada “O mecanismo”. Além disso tem o filme “7 dias em Entebbe” que será lançado no mês de maio, este filme já foi selecionado para o Festival de Berlim.

Em resumo, o talento de Padilha nos dará mais produções de qualidade e acreditamos que serão bem-sucedidas. ■



Andrucha Waddington

Por Melina Morey



Andrew Waddington, chamado popularmente de “Andrucha”, é um dos diretores mais importantes do cinema e televisão contemporânea brasileira. Conhecido por *Casa de Areia* (2005), *Eu tu eles* (2000) e *Lope* (2010).

Andrucha nasceu em 1970 no Rio de Janeiro e, ainda adolescente, pisou em um set pela primeira vez como estagiário de direção. Prosseguiu como assistente de produção, depois como diretor de produção, até estreiar no cinema com dois longas-metragens, *Gêmeas* (1999) e *Eu tu eles* (2000).

Ele dirigiu muitos filmes desde 1998. Seu filme *Eu Tu Eles* foi exibido na seção *Un Certain Regard* no Festival de Cinema de Cannes 2000.

Andrucha também foi um dos diretores criativos da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Antes de se tornar diretor de cinema, filmou mais de 200 comerciais para a TV e foi premiado nos principais festivais de comerciais. Para a TV, ele dirigiu e produziu a série de drama da TV Globo, “*Sob Pressão*”, que obteve boas críticas e avaliações em 2017 e a série documental *André Midani*

- *Do vinil ao download* em 2015.

É um dos diretores de videoclipes mais premiados, já tendo trabalhado com Caetano Veloso, Skank, Djavan, Paralamas do Sucesso, Marina Lima e outros. Também realizou vídeos documentários de músicos brasileiros e videoclipes premiados no MTV Video Music Awards Brasil.

Andrucha é pai de quatro filhos: Pedro e João com Kitty Duarte; e Joaquim e Antonio com Fernanda Torres (atriz).

Ele faz parte da “Conspiração” desde 1995, uma das maiores casas de produção do Brasil.



Party Crashers
2012



Lope
2010



Casa de Arena
2005



Me You Them
2000



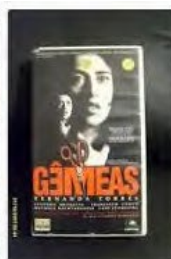
Rio, Eu Te
Amo
2014



Party
Crashers 2
2017



Under
Pressure
2016



Gêmeas
1999



Viva Saint
John!
2002

Por Dora Cerna



Fernando Meirelles no cinema brasileiro: O dono de um espaço só reservado à elite

Na elite do cinema brasileiro, sem dúvida, há um espaço especialmente reservado para Fernando Meirelles, cineasta, produtor e roteirista nascido em São Paulo no dia 9 de novembro de 1955. Se o Brasil tivesse uma «Calçada da Fama» ao estilo de Hollywood, mas só dedicada para a indústria cinematográfica nacional, ele já seria o dono de uma daquelas estrelas de cinco pontas, junto com a pegada das suas mãos e a gravação do autógrafo dele na laje. Até mesmo, é plausível acreditar que, em breve, o paulistano poderia ganhar um merecido espaço próprio nesta original calçada, assentada na Califórnia, pois seu nome e o sucesso da sua obra são muito reconhecidos na Meca do cinema, há quinze anos pelo menos.

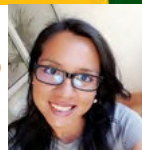
Possuidor de um espírito inovador desde jovem, quando produzia filmes experimentais na Universidade de São Paulo, abandonou a Arquitetura como profissão pela paixão cinematográfica. Com vocação, Meirelles fundou a produtora «Olhar eletrônico» e iniciou uma carreira entre a televisão e o cinema, sempre em ascensão. As histórias com conteúdo social foram, principalmente, as matérias da obra dele, que se misturavam com um estilo visual próprio (por exemplo, «Garotos do subúrbio», em 1983, ou «O menino maluquinho 2: a aventura», em 1998). Até que ele leu o livro de Paulo Lins («Cidade de Deus», 1997), escolheu fazer um filme daquele e, então, pôde virar seu caminho para o reconhecimento internacional.

Em efeito, Fernando Meirelles constitui uma reduzida elite do cinema, aquela integrada pelos brasileiros indicados para o Oscar. Deste grupo seletivo, ele é o único cujas qualidades de direção são matéria de indicação, a respeito de um filme que, ao mesmo tempo, tentou este prêmio noutras três categorias principais. «Cidade de Deus» (2002), a mais famosa obra cinematográfica dele, teve quatro indicações para a versão do Oscar do ano 2004: melhor roteiro adaptado, melhor edição, melhor fotografia e, naturalmente, melhor diretor, com apenas 48 anos. Foi um ano inédito para o cinema do Brasil: aquilo nunca havia acontecido na história brasileira, embora «Cidade de Deus» finalmente não vencesse aquela noite de gala.

Meirelles ecoou internacionalmente quando, em 2005, dirigiu «O Jardineiro Fiel», feito em inglês e alemão, e com a participação do ator de longa trajetória Ralph Fiennes. Nesta ocasião, recebeu o prêmio da Academia Britânica de Artes do Cinema e Televisão (BAFTA), como melhor diretor. Em 2008, teve a direção do filme «Ensaio sobre a cegueira», com um roteiro baseado no livro do português José Saramago e com a atuação da bem-sucedida atriz Julianne Moore. Falado em inglês, foi indicado na categoria melhor diretor do «Festival de Cannes». Atualmente, ele está preparando a direção cinematográfica sobre a transição papal entre Bento XVI e Francisco, para o serviço digital «Netflix». E, assim, a obra de Meirelles continua, tornando ainda mais amplo seu espaço no cinema brasileiro apenas reservado à elite. ■



Por Paola Tito



O Auto da Compadecida

Muito se escuta falar da criollada do peruano, daquela esperteza malvista na sociedade, mas você já pensou alguma vez se isso é talvez a única saída que tem a pessoa? Poderia dizer que não porque a maioria de nós já fomos vítimas da esperteza dos outros, mas Ariano Suassuna através da sua obra “Auto da Compadecida” tenta mostrar o outro lado da moeda de uma maneira cômica e dramática ao mesmo tempo.

A peça de teatro escrita em 1955, foi levada à televisão pelo diretor Guel Arraes no ano 1999: o que começou como um seriado com apenas 4 capítulos acabou sendo levado ao cinema no ano seguinte pela Rede Globo devido ao grande sucesso, tornando-se o primeiro filme produzido pela Globo Filmes. Seu diretor soube apresentar e aproveitar todos os detalhes e riqueza da obra fortemente influenciada pelo vocabulário, linguagem e cultura nordestina.

Sobre o nome, um auto é uma composição teatral de curta duração cujo conteúdo pode ser religioso, profano, burlesco ou alegórico e as personagens, apresentadas às vezes como caricaturas, são geralmente de caráter religioso ou moral. No livro, usa-se a literatura de cordel para exaltar os humildes e satirizar os poderosos e religiosos que se preocupam apenas com questões materiais. É isso o que podemos ver em “O Auto da Compadecida”, o qual conta as aventuras de João Grilo e Chicó, dois amigos que fazem de tudo para

sobreviver no sertão nordestino, mostrando aspectos culturais e religiosos.

João Grilo é um homem preguiçoso, dorminhoco e muito esperto que tem facilidade para falar, sendo isso sua melhor arma para se aproveitar das situações sempre a seu favor, colocando sempre seu amigo Chicó, homem trabalhador, mas muito covarde, em inumeráveis problemas. A história começa quando por encargo da sua patroa Dona Dora, mulher bonita que sempre está traindo seu marido, os dois amigos vão à paróquia para pedir ao sacristão, homem desconfiado e conservador, que dê benção à cachorrinha dela. A partir desse momento, eles começarão uma série de aventuras colocando os outros personagens em situações embaraçosas, acabando inclusive sendo julgados diante de Jesus e do diabo. João Grilo consegue salvar os outros, mas não a si mesmo. É aqui quando a Compadecida intercede e em defesa dele diz: “A esperteza é a coragem do pobre”.

O filme ganhou muitos prêmios e Matheus Nachtergaele, no papel de João Grilo, foi quem recebeu as melhores críticas, inclusive de parte de Suassuna: “Sua atuação é impecável, pois consegue passar toda a esperteza do personagem, que luta contra o patriarcado rural, a burguesia urbana, a polícia, o cangaceiro, e até contra o diabo”. Infelizmente não pôde

concorrer no Oscar 2001 porque a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas não aceita a inscrição de filmes exibidos na televisão antes de chegarem aos cinemas. Uma pena realmente porque é um filme que vale muito a pena assistir já que mostra uma outra realidade da que conhecemos; essa riqueza cultural, o sotaque e a linguagem utilizada fazem que “O Auto da Compadecida” seja um clássico do cinema brasileiro. ■



O menino e o mundo

Por Sandra Barrios



O menino e o mundo é um filme de animação brasileiro do ano 2013 escrito e dirigido por Alê Abreu. Foi um dos cinco indicados ao Oscar de melhor filme de animação na edição do Oscar 2016. Conquistou diversos prêmios em festivais de cinema e animação pelo mundo como na França, Lisboa, nos Estados Unidos. Ao todo, foram 34 prêmios.

Conta a história de Cuca, um menino que vive numa aldeia no interior do Brasil. Certo dia, seu pai parte em busca de trabalho na capital. Cuca, pela saudade, deixa sua aldeia para procurar o seu pai, descobrindo assim um mundo distinto com uma sociedade desigual, marcada pela pobreza e falta de perspectivas.

A história é contada sem palavra alguma e representa o mundo contemporâneo, o capitalismo, a exploração dos agricultores, o trabalho nas fábricas, a falta de estrutura nas comunidades, a globalização.

O filme é criado segundo as técnicas

tradicionais de animação. Os cenários e os personagens foram feitos com lápis de cor, giz de cera, colagem, pintura, aquarela. Os sons utilizados foram especialmente criados para o filme. Foram gravados no mundo real para depois serem editados.

As mensagens do filme são as desigualdades sociais e o valor da família. Contrasta o mundo idealizado da infância e a triste vida dos adultos. O filme é uma reflexão sobre a crise econômica e a desigualdade social vista através dos olhos de uma criança■



Arte no lixo

Por Helen Valero



*“Isso não é lixo. Isso é material reciclável. Isso é dinheiro”,
um dos catadores do Jd. Gramacho.*

Vik Muniz, artista plástico brasileiro radicado nos Estados Unidos, passou dois anos no aterro sanitário Jardim Gramacho trabalhando junto com catadores de material reciclável, o maior projeto que ele poderia criar. Lixo Extraordinário é um documentário anglo-brasileiro lançado em 2010 que relata o trabalho do artista ao longo da execução de um projeto fotográfico baseado em retratar a vida dos catadores.

Toneladas de lixo chegam ao Jardim Gramacho, bairro periférico de Duque de Caxias. Os catadores correm para buscar no amontoado de lixo alguma coisa especial, algo que tenha muito significado monetário, algo que possa mudar sua vida, seu futuro.

Vik Muniz caminha junto com eles e conhece muito de perto a realidade, a vida deles. Desde suas histórias de amor até os sonhos de superação fazem parte do documentário, tudo isso passa a integrar a maravilhosa obra de arte que Vik apresenta.

As fotos dos catadores, na versão mais natural do seu trabalho são logo redesenhadas usando os materiais recicláveis para depois, finalmente, serem fotografadas e leiloadas.

O documentário é uma pequena maneira de refletir sobre arte e cultura, assim como sobre a sociedade. Vik faz um descobrimento sobre a vida dos catadores, sobre a indiferença, o preconceito e injustiças sociais neste trabalho.

Cada um dos catadores relata sua própria história. Aqueles que moram lá desde suas gerações anteriores, como seus pais chegaram lá, como há vários anos que eles preferem estar lá que na rua prostituindo-se ou usando drogas. Ainda quando seu trabalho seja considerado miserável por alguns, Vik Muniz observa algo mais importante neles: força, alegria, perseverança e esperança.

O documentário é mais que um resumo da criação das obras de arte de Vik, é uma mostra de vida real das pessoas que trabalham nessa fossa onde muitas pessoas veem só lixo, mas na verdade, tem uma transformação cultural muito mais complexa do que parece.

“O momento em que uma coisa se transforma em outra é o momento mais bonito”, comenta Vik Muniz. Mas a arte de Vik não se torna só em algo que nós podemos apreciar como alheios à vida deles, o artista muda a vida dos catadores com o dinheiro que ele obteve na venda das peças. Todo esse dinheiro vai para a associação dos catadores, e é ali quando o lixo se torna arte, mas também uma oportunidade de futuro para eles■



Por Ademir dos Santos



Mérica Mérica Mérica cosa sarà questa Mérica

O *Quatrilho* é um filme brasileiro, que em 1995 mostrou ao Brasil a faceta dos imigrantes italianos no Brasil, especificamente do sul do país. A direção do mesmo é do cineasta Fábio, baseado no livro homônimo de José Clemente Pozenato. Conhecido escritor gaúcho que relata fatos dos imigrantes oriundos da Itália.

A história é baseada em fatos reais e relatada em 1910, numa comunidade rural no Rio Grande do Sul habitada por imigrantes italianos, dois casais muito amigos se unem para poder sobreviver e decidem morar na mesma casa. Mas o tempo faz com que a esposa de um se interesse pelo marido da outra, sendo correspondida. Após algum tempo, os dois amantes decidem fugir e recomeçar outra vida, deixando para trás seus parceiros, que viverão uma experiência dramática e constrangedora, mas nem por isto desprovida de romance.

O filme retrata particularidades da vida dos imigrantes



italianos que vieram ao Brasil em 1875. Lembro que, anunciada a realização do filme, houve um grande boom na comunidade italiana do Rio grande do Sul, onde a grande maioria dos imigrantes se instalaram, especificamente na serra gaúcha. Falando da mesma, as filmagens foram realizadas em algumas cidades como, Farroupilha, Bento Gonçalves, Antônio Prado etc., cidades com todas as características do Norte da Itália e com belíssimos cenários. Também houve uma

grande mobilização das entidades italianas do sul do Brasil quando aconteceu a estreia do filme, pois além de mostrar sua cultura, o Brasil por fim conheceria outra faceta do Sul e desta vez nas telas.

A presença de grandes atores nacionais como Glória Pires, Patrícia Pillar, Bruno Campos, Cecil Thirè, Gianfrancesco Guarnieri dando a vida a personagens foi algo fantástico, a presença de atores da serra como Pedro Parenti e Arcangelo Zorzi deram um toque particular na representação dos imigrantes.

Humor, amor, até certa malícia, foram conteúdos presentes neste filme, que rendeu vários prêmios internacionais.

“O *Quatrilho*” marcou com certeza uma comunidade representada através da sétima arte e nela divulgada pelo mundo, a particularidade é que ainda hoje no sul do Brasil a história e os costumes estão muito presentes na comunidade ítalo-gaúchas, com sotaques, gastronomia, música e dança.

Ano	Premiação	Categoria	Trabalho	Resultado
1996	Óscar	Melhor Filme Estrangeiro	<i>O Quatrilho</i>	Indicado
1996	Associação Paulista de Críticos de Arte	Melhor Atriz	Glória Pires	Venceu
1996	Tokyo International Film Festival	Tokyo Grand Prix	Fábio Barreto	Indicado
1995	Festival de Havana	Melhor Atriz	Glória Pires	Venceu
		Melhor Direção de Arte	Paulo Flaksman	Venceu



“Xingu - O filme”



Este filme cheio de aventuras é o terceiro longa-metragem do Diretor brasileiro Cao Hamburger e produzido por Fernando Meirelles, o qual foi inspirado nas histórias do diário “Marcha para o Oeste” escrito pelos irmãos Villas-Boas. Além disso, o filme também foi apresentado na seção Panorama do festival de Berlim. Este filme também conta com a participação dos atores reconhecidos como João Miguel, Felipe Camargo e Caio Blat.

A história conta que no ano de 1940, a expedição Roncador-xingu tinha o propósito de fazer o reconhecimento oficial das áreas ocupadas pelos povos indígenas. A expedição esteve ao mando dos três irmãos corajosos Leonardo, Orlando e Cláudio Villas-Boas que deixaram suas comodidades da cidade para conseguir estabelecer contato com os povos indígenas. Com o passar do tempo

acabaram por se tornar os grandes defensores dos direitos dos Indígenas. Depois de alguns anos, eles Também contribuíram para a criação do Parque Indígena do Xingu que na atualidade é considerado como um dos mais importantes por conservar e preservar a raiz cultural brasileira.

O objetivo do filme não só é ser considerado um filme gostoso de assistir. Sem dúvida o objetivo principal foi pensar no passado brasileiro e que o público tome consciência sobre a importância da preservação da natureza e a cultura dos povos indígenas que até agora persiste com os mesmos costumes.

Vocês que gostam e adoram o cinema não deve deixar passar esta oportunidade de conhecer mais sobre a raiz mais profunda da cultura brasileira.■

Por Luiza Castro



Cinema Brasileiro



Cada 19 de junho é celebrado o Dia Nacional do Cinema Brasileiro, data em que foi realizada a primeira filmagem no Brasil, feita pelo italiano Affonso Segreto, em 1898. Juntamente com seu irmão, Paschoal Segreto, os dois foram os primeiros impulsores da sétima arte e considerados os primeiros cinegrafistas brasileiros.

No início, os filmes eram de caráter documental. Em 1908, o cineasta luso-brasileiro Antônio Leal apresenta sua película “Os Estranguladores”, considerado o primeiro filme de ficção brasileiro, com duração de 40 minutos. Muitos anos se passaram até que o cinema nacional pudesse alçar voo e conquistar seu espaço.

O grande ápice do cinema no Brasil ficou conhecido como a “Retomada” nos anos 90, devido aos novos incentivos

governamentais, e foi marcada pela estreia do filme “Carlota Joaquina, princesa do Brasil” (1995) e, desde então, muitos são os logros cinematográficos para o país como, por exemplo, a nomeação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro para “O Quatrilho”, de Fabio Barreto (1996); “Central do Brasil”, de Walter Salles, ganha o Urso de Ouro do Festival de Berlim (1998); “O que é isso, companheiro?”, de Bruno Barreto, é indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro (1998); Fernanda Montenegro é a primeira brasileira indicada ao Oscar, concorrendo ao prêmio de Melhor Atriz pela atuação em “Central do Brasil” (1999); “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, é indicado a quatro categorias do Oscar: Melhor Diretor, Melhor Roteiro

Adaptado, Melhor Edição e Melhor Fotografia (2004); “Tropa de Elite”, de José Padilha, conquista o Urso de Ouro de melhor filme no festival de Berlim (2008); a produção anglo-brasileira “Lixo extraordinário” é indicada ao Oscar de Melhor Documentário (2010); a música “Real in Rio”, da animação Rio, composta pelos músicos brasileiros Sérgio Mendes, Carlinhos Brown e a americana Siedah Garrett, é indicada ao Oscar de Melhor Canção Original (2012); o longa brasileiro-francês-canadense “Na Estrada”, de Walter Salles, é indicado a Palma de Ouro em Cannes (2012); “Uma História de Amor e Fúria”, animação, de Luiz Bolognesi conquista o Prêmio Cristal de melhor longa-metragem no 37º Festival de Cinema de Animação de Annecy, na França,

Tá na capa

considerado o maior prêmio da animação mundial (2013); “O Menino e o Mundo”, longa de Alê Abreu também conquista o prêmio máximo no mesmo festival (2014) e, posteriormente, indicado ao Oscar de Melhor Animação (2016); o documentário “O sal da terra”, sobre a vida do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado e com direção de Juliano Salgado, seu filho, e Wim Wenders, é indicado ao Oscar de Melhor Documentário (2015); o documentário “Cinema Novo”, de Eryk Rocha, conquista L’Oeil D’Or (Olho de Ouro), prêmio de Melhor Documentário no Festival de Cannes (2016) e, dentre os últimos acontecimentos no cinema brasileiro, “Aquarius”, de Kleber Mendonça Filho, é indicado à Palma de Ouro e Sonia Braga é indicada na categoria de Melhor Atriz em Cannes (2016).

Entretanto, as indicações e premiações são reflexo de um trabalho em conjunto e sem dúvida, que chegam graças a ações como a instituição da Lei Rouanet, que concede incentivos fiscais às empresas e aos cidadãos que aplicarem parte do imposto de renda em ações culturais; a criação da Secretaria do Audiovisual, que tem como competências a formação, produção inclusiva, regionalização, difusão não-comercial, democratização do acesso e preservação dos conteúdos audiovisuais brasileiros; a Lei do Audiovisual que permite que empresas abatam do Imposto de Renda devido recursos investidos em filmes nacionais; a criação da ANCINE – Agência Nacional do Cinema, agência reguladora que tem como atribuições o fomento, a regulação e

a fiscalização do mercado do cinema e do audiovisual no Brasil; a fundação da Academia Brasileira de Cinema, organizadora do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro e a criação do FSA – Fundo Setorial Audiovisual, cujos recursos são aplicados em projetos voltados para o desenvolvimento do exercício cinematográfico e audiovisual em conformidade com os programas do governo federal.

Indiscutivelmente, muito ainda pode ser feito para que se melhore o panorama do cinema brasileiro, entretanto, tal como afirmou Cacá Diegues, membro do Conselho Superior de Cinema, o cinema brasileiro vive hoje seu melhor momento. “Nunca se filmou tanto no País. Obviamente, à medida que cresce o número de cineastas e de filmes, surgem produções boas e ruins. Mas, é um erro pensar que um mau filme representa o cinema nacional. Uma das principais características do cinema produzido no Brasil é a sua diversidade. Temos filmes que conquistam tanto o público, com sucesso enorme de bilheteria, quanto o respeito de críticos, com produções que são muito bem recebidas em festivais dentro e fora do Brasil”.

Se quiser ficar por dentro de tudo o que rola no cinema brasileiro, não deixe de acessar os seguintes links:

- Academia Brasileira de Cinema: <http://academiabrasileiradecinema.com.br/>
- ANCINE: <https://www.ancine.gov.br>
- Festival de Brasília do Cinema Brasileiro: <http://www.festivaldebrasilia.com.br/>



Por Elía Ramos



O imaginário da América Latina no Festival de Cinema de Lima

A Pontifícia Universidade Católica do Peru (PUCP) apresenta, desde sua primeira edição no ano de 1996, nos meses de agosto, a exibição e mostras competitivas de filmes, curtas-metragens e documentários. O evento também promove um espaço interativo com debates, encontros, palestras, seminários, sessões itinerantes e oficinas.

No ano passado foi apresentada a 21ª edição, sob o lema: “Latinoamérica sin fronteras”, para o público limenho. O festival trouxe um panorama do cinema latino-americano em mais de 300 filmes, entre os quais destacam os que participam da Competição Oficial: Ficção e Documentário.

A Cerimônia de Abertura teve como destaque o documentário “Um Cinema em Concreto” da diretora argentina Luz Ruciello. Trata-se da história de um pedreiro, Omar Borcard, que constrói um cinema no segundo andar da sua casa durante quatro anos e começou a passar filmes com um antigo projetor para gente da sua cidadezinha “Villa

Elisa” em “Entre Rios”, Argentina.

O Prêmio do Júri de Melhor Filme foi para o longa venezuelano “A família” de Gustavo Rondón Córdova. Narra o vínculo entre Andrés e seu filho Pedro, de 12 anos. Eles moram numa favela de Caracas. Andrés trabalha muito e quase nunca fica em casa. Um dia Pedro, durante um jogo de futebol, machucou um amigo. Andrés decidiu fugir com Pedro porque achava que a família dele ia querer se vingar.

Outros destaques

“Retablo”, a obra prima de Álvaro Delgado-Aparicio, vencedora do Prêmio do Ministério da Cultura de Melhor Filme Peruano e falada na língua quechua. Conta a história de Segundo Páucar (Junior Bejar), um adolescente que está aprendendo a fazer “retablos” (peça artesanal típica da cidade de Ayacucho-Peru), mas sua vida e sua concepção da herança familiar mudam da noite para o dia ao saber do segredo que oculta seu pai e mestre.

Dos filmes brasileiros destacou “Gabriel e a Montanha” dirigido por Felipe Barbosa e neste festival obteve o Prêmio do Júri de Melhor Fotografia. Gabriel Buchmann, um

jovem que decide viajar pela África e escalar sozinho o monte Mulanje, onde desapareceu.

Homenagens

O homenageado nacional foi Gianfranco Brero por representar o campo da atuação e ser personalidade indiscutível no cenário cinematográfico nacional. Teve uma vida dedicada ao teatro, televisão e cinema peruano.

O homenageado internacional foi o cineasta independente de origem armenio-canadense, Atom Egoyan, cuja trajetória começou nos anos 80.

Próxima Edição

A data está marcada para sua próxima realização, de 3 a 11 de agosto de 2018, com o evento que vem sendo uma das maiores iniciativas já feitas no Peru. Concebido, ao início, como um encontro participativo para se reconhecer através do cinema ainda continua se consolidando como uma plataforma para o crescimento das produções da cinematografia nacional e latina

Para acompanhar de perto todas as novidades pelas redes sociais: <https://www.facebook.com/festivaldelima/>

Nos vemos lá!





Festival de Cinema de Gramado



O Festival de Cinema de Gramado é um evento cultural que acontece anualmente no Palácio dos Festivais que está localizado no Município de Gramado, Rio Grande do Sul. Esse festival é considerado como uma das atividades culturais mais importantes e duradouras dos últimos cinquenta anos. Quer saber mais desse evento? Vamos conhecer um pouco da sua história.

O Festival de Gramado foi concebido inicialmente como uma amostra de cinema nacional em Porto Alegre, na década de 1960. O objetivo era que o público tivesse a oportunidade de assistir diversos filmes produzidos no Brasil. No ano 1969 a amostra se deslocou até a Serra Gaúcha, instalando-se em Gramado. Inicialmente fazia parte das atividades da Festa das Hortênsias que acontecia no verão. Em 1972, com a elaboração do Kikito, se iniciou uma nova etapa que augurava a transformação da amostra em festival, pois o Kikito tornou-se o prêmio que todos os concorrentes almejavam ganhar. Assim, no ano seguinte a amostra passa a ser chamada de festival e se estabeleceram diversas categorias, cujos prêmios eram disputados pelos filmes selecionados.

Com o passar dos anos o Festival foi se posicionando como um espaço importante para a difusão e valorização do cinema brasileiro, mas o fato de ser realizado no verão o relacionava com os excessos que alguns atores realizavam. É por isso que a organização modificou, aos poucos, as datas até que se estabeleceu que ocorresse na primeira quinzena de agosto de cada ano, data que ainda se mantém até a atualidade. Essa modificação favoreceu a que o festival ganhasse força e se tornasse um dos eventos cinematográficos emblemáticos. Porém, a década de 1990 se caracterizou pela diminuição do

investimento governamental para a produção do cinema brasileiro. A extinção da Embrafilme também repercutiu no Festival, pois a exibição de filmes nacionais viu-se reduzida. Esses recortes forçaram o Festival a expandir as suas margens e aceitar que filmes ibero-americanos também formassem parte da lista dos concorrentes e vencedores dos prêmios Kikito.

Contudo, no início do século XXI houve uma retomada do cinema brasileiro, o que permitiu que os filmes nacionais voltassem a vencer nas diversas categorias do festival, recuperando a força que perderam nos anos noventa. Atualmente o Festival apresenta três categorias competitivas: (1) Filmes de longa-metragem brasileiros. (2) Filmes de longa-metragem estrangeiros. (3) Filmes de curta-metragem brasileiros. Tanto os filmes brasileiros como estrangeiros disputam os prêmios Kikito. Porém, o Festival de Gramado também estabeleceu prêmios especiais como o troféu Oscarito, destinado a grandes atores brasileiros; o troféu Eduardo Abelin para diretores, cineastas ou instituições cinematográficas e o Kikito de Cristal que se entrega a grandes expoentes do cinema latino-americano.

O Prêmio Kikito

O Kikito é o Deus da Alegria e na sua elaboração se observa um sorriso na face dele. Também é um símbolo de Gramado. A primeira estatueta foi elaborada em madeira por Elisabeth Rosenfeld, uma artesã da cidade que queria impulsar a valorização do artesanato gramadense. O Kikito tem 33 cms e atualmente é fabricado em bronze.



O que rola no CCBP

Por Simone Mitma



Exposição em homenagem ao CCBP

No dia 15 de março foi inaugurada a exposição “Centro Cultural Brasil-Peru 55 anos”, a qual ainda não tem data determinada de encerramento. Nessa ocasião os alunos do CCBP foram convidados a participar de um momento musical, pois nessa oportunidade fez-se o lançamento da oficina “Fala Brasil”. Também houve uma homenagem especial pelo dia da mulher. A exposição conta com uma série de poemas escritos por mulheres, além de um acervo de fotos antigas do Centro Cultural mostrando convidados ilustres e os antigos diretores.



Fotografia e arte

Desde o dia 19 de dezembro de 2017 até o dia 09 de março a galeria Tarsila do Amaral recebeu a exposição do fotógrafo Julio Cesar Pires que, após ter viajado por vários estados brasileiros, conseguiu fazer uma seleção especial de fotografias que apresentavam imagens cotidianas de trabalhadores de rua e do mar. O objetivo desse enfoque, segundo Julio Pires, seria provocar uma desconstrução da marginalidade e celebrar o trabalho por meio de uma homenagem aos protagonistas retratados.



Oficinas CCBP

No dia 21 de março aconteceu o primeiro programa de rádio “Fala Brasil”, agora comandado pelo professor Ademir dos Santos. Este programa é produzido também pelos alunos e ex alunos do CCBP. Ademais, é transmitido online pela Bossa Nova Peru Rádio com o objetivo de disseminar a música e cultura brasileira para todas as partes do mundo. Além desta oficina, o Centro Cultural oferece várias outras, com destaque, nesse semestre, para a oficina sobre o escritor Paulo Leminski, sob a orientação da professora Solange Lopez. Cabe frisar que na segunda semana de maio, serão abertas mais vagas para oficinas diversas.



Portas Abertas

No dia 05 de abril deu-se a abertura do projeto Portas Abertas que oferece à comunidade peruana e brasileira a possibilidade de fazer trabalhos em prol da cultura seja na área da música, pintura, teatro, atenção ao imigrante, entre outros. O encontro contou com a presença de alunos do CCBP, colaboradores do projeto e equipe administrativa do Centro Cultural.



Cinema Brasileiro: “Central do Brasil”

Por Violeta García



Para uma pessoa de espírito aventureiro, que gosta de conhecer lugares diferentes, pessoas novas, outras línguas, viajar é uma das melhores experiências, mas quando não é tempo de viajar uma das atividades que adoro fazer é assistir um bom filme, desse jeito posso viajar longe, conhecer belas paisagens, culturas diferentes, viver situações que nem sonhei um dia viver. Um bom filme é como o combustível para começar a sonhar com uma nova viagem.

Na semana passada assisti ao filme “Central do Brasil”, achei muito interessante, conta a história de Josué um menino de dez anos mais ou menos, que está procurando o pai dele, ele vai com a mãe dele, Ana, até a Estação Central do Rio de Janeiro, onde encontram a Dora, uma professora aposentada que faz o trabalho de escrever cartas para analfabetos e depois as envia para o correio. É nessa ocasião que Ana paga a Dora para escrever uma carta para o pai do Josué contando que o menino tem vontade de conhecê-lo. Mas saindo da estação Ana é atropelada e Josué fica sozinho no Mundo.

Dora sente pena do menino e o convida para a casa dela, mas quando ele chega na casa de Dora, ele descobre que Dora mente para as pessoas e não envia as cartas ao correio, ela guarda as cartas em casa.

“Central do Brasil”, mostra um Brasil que não é conhecido por muitos estrangeiros, eu que fiz um mochilão pelo Brasil do Rio



Grande do Sul até Rio Grande do Norte, posso dizer com certeza que o Brasil é muito mais que somente São Paulo e Rio de Janeiro.

Enquanto estive viajando pelo Brasil conheci o nordeste brasileiro, adorei o estado da Bahia, Pernambuco, Maceió, conhecer o nordeste, a cultura, o orgulho dos brasileiros por ter nascido no nordeste fez me sentir nordestina também, as mulheres com cabelos cacheados, negras com muito orgulho, o nordeste entrega de presente belas paisagens para o viajante, praias de areias brancas, a cor do mar azul, verde, turquesa, cachoeiras, quando você chega lá pode acreditar que chegou ao paraíso.

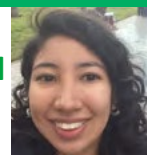
Mas “Central do Brasil”, mostra também a pobreza do

nordeste, ainda que o Espírito Santo faça parte do sudeste, é a porta do nordeste, mostra os municípios que não tem ajuda do governo, o povo que não tem educação, mostra esse Brasil ainda não desenvolvido, que precisa de ajuda.

O filme foi nomeado para o Oscar como melhor filme estrangeiro e como melhor atriz, também ganhou o Urso de ouro no festival de Berlim entre outros festivais.

Se você tem alma de viajante sem dúvida gostará do filme, viajará junto a Josué e Dora pelo Brasil e viverá muitas experiências com eles durante a viagem para procurar o pai do Josue, não vai se arrepender de assistir ao filme, que foi feito para a família, e talvez roubará uma lágrima sua. ■

Por Stephany Del Portal



Tito Cabellos

Aproveitamos esta edição dedicada ao cinema para falar com Tito Cabellos, diretor de cinema, produtor peruano e fundador da Associação Guarango. Ele começou sua carreira como cinematógrafo sob a tutela do produtor suíço Stefan Kaspar e atualmente tem dirigido vários longas-metragens premiados no estrangeiro, como “De panelas e sonhos”, que retrata o Peru unido e projetado ao mundo através de sua comida e “A filha da lagoa”, que segue a luta de Nelida Ayay e sua comunidade para evitar o desalojamento e a destruição de sua lagoa por parte da indústria mineira.

Como nasceu em você o desejo por se dedicar à indústria cinematográfica?

Bom, foi algo que eu descobri, porque no começo eu sabia que minha vocação era algo relacionado com as comunicações. Primeiro eu fiz algo de música com meus amigos, nós tínhamos uma banda de rock, mas não me sentia muito confortável em frente das pessoas nos pequenos shows dos quais participávamos. E descobri na câmera fotográfica, na gravadora de áudio de meu pai, que eu gostava de estar do outro lado, ou seja, registrando o que acontecia, os momentos cotidianos que pudessem “repintar” o momento que estava decorrendo. Como pensando em que você pode vê-lo depois, pode escutá-lo, pode ver a fotografia e lembrar como era viver esse momento, nesses anos.

Eu lembro que quando terminei a escola, eu estava confuso, não existia isso de cinematografia, e eu te falo que, nos anos 80, eram feitos anualmente três filmes no Peru. Hoje são feitos trinta. Então as pessoas que faziam cinema eram parte de uma turma bastante reduzida, além de fazer o filme em celulóide, que era um formato caro. Você filmava, tinha que comprar o negativo e mandá-lo para ser revelado nos laboratórios do exterior. Era um processo muito caro ao qual somente tinha acesso um pequeno grupo de pessoas, e dentro da minha família e meu grupo de amigos, nós não conhecíamos ninguém que se dedicasse ao cinema. Dedicar-me ao cinema não era parte de meus planos nesse momento.

No começo eu pensei “vou ser jornalista”, mas pouco a pouco eu fui descobrindo, pelas circunstâncias da vida, como assistir na TV o documentário do Grupo Chasqui, “Miss Universo no Peru” o qual me mostrou que era algo muito mais fascinante, que não era uma cobertura jornalística narrando o que acontecia, senão você tinha a câmera registrando momentos e você se informava do tema, do relato que se construía pelo que acontecia frente ao seu olhar.



“Miss Universo” é um documentário muito interessante porque nos ensina como era o Peru nos anos 80 e como, no meio do histórico conflito social interno no país, os empresários da televisão tiveram a “excelente ideia” de organizar um concurso de beleza. As rainhas de beleza chegavam de todo o mundo a Lima, e o Grupo Chasqui entrou ao concurso fingindo ser da imprensa. Eles estavam formados por um produtor suíço, Stefan Kaspar, Alejandro Legaspi, um cineasta uruguaio, Fernando Espinoza e René Weber, dois peruanos.

Stefan e Alejandro, como eram estrangeiros e tinham essa aparência, fingiram ser da televisão internacional, entraram e começaram a registrar tudo o que acontecia neste evento, as perguntas bobas, o orgulho dos empresários por trazer as rainhas de beleza a Lima, e depois registraram a reação que teve no movimento feminista, seus protestos contra o concurso e também visitaram os bairros marginais

Bate-papo com...



de Lima para conhecer as opiniões das mulheres. Então era um contraste muito interessante. Eu não sabia o que era quando eu o assisti, eu disse pra mim mesmo “isto é algo completamente novo, não é uma reportagem, também não é um filme, parece um filme com fatos reais” e eu acredito que isso foi como uma faísca.

Depois eu tive a sorte de conhecer Stefan, que formava parte do grupo de realizadores, e com ele fundei Guarango, que é a casa produtora onde eu tenho feito todos os meus trabalhos. Já temos 24 anos de atividade, e me sinto afortunado de ir todos os dias trabalhar num espaço onde você possa sonhar, onde possa navegar e sobreviver neste mundo da realização cinematográfica.

A associação Guarango é uma produtora e distribuidora de audiovisuais que sensibiliza a opinião pública em relação a temas de desenvolvimento. O que levou você a se focar nesses temas?

Eu acho que foi o contexto em que eu cresci. No final dos anos 80, quando eu já era de maior, nós tínhamos os carros-bomba, blecautes, escassez de alimentos, filas grandes para poder conseguir os produtos básicos para alimentar-se: arroz, açúcar... Caos generalizado, cortes de luz, de água e o terrorismo se deslocando do campo até a cidade. Nesse momento, eu achava - e sigo achando- que ao fazer cinema você pode plantar temas que façam as pessoas refletir. Que as façam incrementar seu conhecimento sobre o país, sobre o mundo, porque é como uma ação, eu o sinto como algo natural. Eu não poderia fazer filmes comerciais, me sentiria como

traindo uma maneira de fazer as coisas. Você pode fazer um filme que seja muito popular e ao mesmo tempo, que tenha crítica social, valor artístico, como temos assistido durante a história do cinema, como Chaplin, seus filmes são de altíssima qualidade, extraordinários em sua narrativa e ao mesmo tempo foram muito populares.

A Guarango tem participado recentemente no trabalho de edição do filme Wiñaypacha e na remasterização de “A cidade e os cachorros”. Além disso, há algum outro projeto em processo, alguma futura participação nos festivais de cinema locais?

“A filha da lagoa” sempre tem apresentações, há duas semanas teve uma apresentação no Museu de história natural, aqui em Lima e ao mesmo tempo, uma outra apresentação em Quito. Em duas semanas será apresentada na Europa; é uma obra que tem vida própria, você pode assisti-la em Netflix mas também num espaço onde além da sessão, você possa fazer parte de um debate. Nélide, a protagonista, tem viajado dezenas de vezes a apresentações e inclusive a turnês. Por exemplo, ela fez uma turnê pela Espanha, visitando dez cidades numa semana, é incrível. Ela pegava o trem, chegava a Valência, ia à sessão e na manhã seguinte saía para outra cidade. E acho que isso é muito rico: o ato presencial, de ver o filme junto a dezenas de pessoas numa sala e depois poder falar com a protagonista. Você jamais vai esquecer esse filme.

Além de promover nossos filmes, também fazemos contribuições técnicas a diversos títulos, oferecemos serviços para a cinematografia. Por exemplo, com Wiñaypacha, de Óscar Catacora, os membros da equipe chegaram a um esforço máximo de montagem em Puno e trouxeram o filme para a montagem final, como ia se formar o relato definitivo para sair às salas de cinema e festivais. Isso foi feito pelo nosso estúdio por dois meses e meio, e depois começamos com o processo de colorização, que também é feito na Guarango, a masterização e finalmente o que é a generalização de versões entregáveis para as distintas abas, porque quando o processo da matriz termina, você precisa fazer uma cópia para as salas de cinema, outra para o streaming, outra para a televisão...e na televisão você tem que ver se é formato NTSC, se é HD... e além disso a gente ainda tem que gerar o produto físico como Blu-Ray ou DVD. Então, todo esse conjunto de formatos que você precisa para que o filme possa chegar ao público através de distintas opções é feito na Guarango.

Com respeito ao trabalho de pré produção, pós produção e a produção em si mesma, considera que

tem havido uma melhora nos últimos anos? Você acredita que há mais apoio por parte do ministério da cultura para promover e difundir as produções peruanas?

Bom, eu acho que há uma melhora, se você se remonta há dez anos, anualmente eram produzidos cinco, seis filmes, e agora num ano chegamos a produzir até vinte e nove títulos, e a projeção deste ano é que vinte e cinco filmes nacionais cheguem às salas de cinema. Existe uma agitação muito importante e também há como uma divisão entre duas formas de produção: o cinema de autor, que seria as mais artísticas, e os filmes que procuram o êxito na bilheteria. Eu acho interessantes ambas propostas, ambas são válidas porque com o cinema de autor se conseguem prêmios que beneficiam o cinema, lhe dá visibilidade internacional, para que as pessoas comecem a dizer que “está sendo feito um bom cinema no Peru”, e não se compara com um êxito de bilheteria.

“Asu Mare” não vai entrar numa competição que dê prestígio internacional. Ele vai funcionar bem com a audiência, mas não vai te dar presença a nível global. O interessante seria que ambas formas de produção confluassem em futuros projetos, que procurem filmes que tenham muito valor artístico e além disso sejam comerciais, que se conectem com o público. E já aconteceu em anos anteriores, como em “A cidade e os cachorros”, “Maruja no inferno”, “Dias de Santiago”, filmes que são muito bons, que tem sido de muito valor artístico e que também têm tido uma conexão com o público e com o mercado, algo muito importante.

O quê você acha sobre publicar os filmes nas plataformas virtuais, como Netflix? Você acredita que isso abre uma nova oportunidade para as produções que não podem ser exibidas nas salas dos cinemas locais?

Sim, na realidade as plataformas de streaming te abrem uma aba muito menos limitante que a aba de exibição nas salas de cinema. O que acontece é que as salas de cinema são espaços caros, é uma infraestrutura cara, estão localizados em centros comerciais nas cidades, entretanto quando a gente descola seu filme a uma plataforma em linha, você converte os celulares, as laptops, os computadores e os smart-TVs em telas. Então de repente você tem milhões de telas e você oferece ao usuário a oportunidade de escolher entre uma oferta que já não são as duzentas e sessenta estreias anuais, senão milhares de títulos. E isso me parece um fenômeno rico demais e revolucionário.

No momento que você quiser, no almoço, no



jantar ou antes de dormir... É uma experiência muito cinematográfica, é uma maneira de ver sem se mover do seu lugar, de ver o que você quiser quando você quiser e na tela que você quiser. Se você ficou preso a uma história, você pode avançar com seu celular nos 20 minutos de trajeto de um lugar ao outro e depois pode continuá-la em seu laptop e provavelmente no fim de semana você pode terminá-la e começar mais um novo capítulo. Isso tem dinamizado muito e acho que oferece uma experiência que é muito valiosa não só para o espectador, mas também para os produtores, pois dá mais vida aos filmes, oferece a alternativa de poder chegar ao público sem as limitações da programação de uma sala de cinema.

Para finalizar, você tem algum comentário?

Quando você pensa no motivo pelo qual eu faço cinema, eu penso que é porque é algo belo, poder retratar o que as pessoas sentem, como eles se percebem, como se projetam. Penso que os filmes são - parafraseando Patricio Guzmán, documentalista chileno - os filmes que nós fazemos, os documentários que nós fazemos são como fotos no álbum familiar dos peruanos, dos latino-americanos e estes filmes são fotos nestes álbuns que, anos depois, podem servir para entender o momento você vivia. Agora poder servir para se projetar ao futuro, para entender o que aconteceu há alguns anos, acontecimentos duros que foram vividos no Peru, como o conflito armado interno, que tem sido retratado em títulos como “La teta asustada”, “Magallanes”, “N/N”, “Paraíso”. São filmes que, ao mostrar uma expressão humana e não cifras de um relatório, fazem que as pessoas entendam, vivam e realmente compreendam os conflitos e oportunidades que o Peru tem realmente.

Agradecemos a Tito Cabellos pelo tempo para poder conversar conosco e assim, poder conhecer mais acerca de nossa própria indústria cinematográfica através das palavras de um grande talento peruano. Tem curiosidade por assistir algum de seus filmes? Você pode encontrar sua última produção, “A filha da lagoa” em Netflix. Prepare a pipoca e disfrute do filme!

Por David Pinday



Um monte de livros sobre cinema brasileiro nas estantes da nossa biblioteca



Uma apertada síntese bibliográfica sobre a sétima arte do Brasil.

Lanterna mágica, sétima arte, grande tela, écran... A cinematografia recebe muitas denominações e tem alcançado um lugar importante entre as artes audiovisuais. Além da poderosa e mundial indústria de Hollywood, há alguns países que nos últimos tempos conseguiram certo relevo dentro de seu cinema nacional. O Brasil está entre eles.

Embora não seja uma indústria consolidada, o cinema brasileiro tem alcançado reconhecimentos importantes nos últimos anos nos grandes festivais internacionais graças à significativa retomada cinematográfica por parte de diretores com propostas independentes, arriscadas e com grande tratamento da problemática social.

CINEMA ANTIGO E CONTEMPORÂNEO.

Se você quer pesquisar ou simplesmente ler sobre cinematografia do Brasil, a Biblioteca “Embaixador Vinicius de Moraes”, do Centro Cultural

Brasil-Peru (CCBP), conta com importantes livros e revistas sobre realizadores, festivais e filmografia brasileiros. Como por exemplo o detalhado Anuário “Cinema Brasil”, editado pela Agencia Nacional de Cine (ANCINE) o Ministério da Cultura e o Ministério das Relações Exteriores. Temos este importante compêndio com as sinopses dos filmes desde o ano 2004 até 2010.

Se o que você quer é mergulhar nas origens do cinema em terras brasileiras, contamos com o exemplar “Pioneiros do cinema Brasileiro” (São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1994) de Jurandir Noronha. Uma incursão mais moderna ou contemporânea o deparará com “Cinema Brasileiro Contemporâneo” (Brasília, Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, 2005), exemplar trilingue -, português, espanhol, Inglês. E também com “Cine Brasileño”. Um Balanço dos 5 anos da retomada do cinema Brasileiro, exemplar em espanhol editado pela Secretaria de Audiovisuais do Ministério da Cultura (Brasília, 1999).

Tempo de leitura

MELODRAMA, CINEMA NOVO E DIRETORES REPRESENTATIVOS.

Além de presente e passado do cinema do Brasil, temos também melodrama, romantismo e pranto. Nesta seção encontramos o livro de Silvia Oroz, “Melodrama. O Cinema de Lagrimas na América Latina” (R.J., FUNARTE, 1999), onde faz uma revisão detalhada das histórias românticas antigas que talvez fizeram chorar as nossas mães e avós.

Por outro lado, abordado como parte da identidade e cultura Brasileiras, encontrarmos com “Um olhar sobre a Cultura brasileira” (R.J., Associação de Amigos da FUNARTE, 1998), belo livro que dedica o capítulo 2 ao cinema brasileiro, fazendo uma síntese desde seus inícios e sua evolução até nossos dias. Nessa mesma linha topamos com “Imaginação da Terra. Memória e utopia no cinema brasileiro” (Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013), livro onde se explora as possibilidades e linguagens estéticas com que o tema foi desenvolvido na imaginação cinematográfica. Ao respeito, traz uma análise de uma filmografia brasileira a partir de 1950.

Por último, sobre personalidades do Cinema Brasileiro não podemos deixar de mencionar o interessante “Retrospectiva Glauber Rocha” (Embrafilme, Ministério da Cultura, 1987) sobre o trabalho ideológico-político de um dos mais

controvertidos diretores do Brasil. Sobre cuja vida, obra e trajetória fílmica nos fala Tereza Ventura no seu apreciável livro “A Poética Polytica de Glauber Rocha” (R.J., FUNARTE, 2000). Também sobre a filmografia crítica de Silvio Back, - Outro cineasta destacado-, temos a disposição o livro “Pensar é Insalubre”, reflexões do autor sobre algumas de suas obras mais polemicas e representativas como “A Republica Guarani” “O Índio Brasileiro”, entre outras.

Além disso, se você quer pesquisar a fundo sobre esse importante período da história do cinema do Brasil chamado “CINEMA NOVO”, deverá mergulhar nas páginas de Alex Viany e seu livro “O Processo do Cinema Novo”. Trata-se de um conjunto de ensaios, entrevistas, conversas, etc., nas quais são debatidas o processo e evolução do Cinema Novo, essa etapa histórica que mais se aproxima de um cinema propriamente brasileiro.

VENHA LER E PESQUISAR SOBRE CINEMA BRASILEIRO.

Todos estes exemplares que versam sobre a arte cinematográfica brasileira aguardam por vocês nas estantes da biblioteca “Embaixador Vinicius de Moraes”. Esperamos vocês para começarem a viver e conhecer mais sobre a mágica do variado, prolífico, embora ainda desconhecido, cinema do Brasil. Longa vida ao Cinema Brasileiro!!!





Cinema Brasil: a melhor opção de praticar seu português!



Este é meu segundo ano estudando aqui, no CCBP. Desde que comecei, eu sabia que era um espaço diferente onde estudar português. Não somente você fala ou escreve bem esta língua, você se apaixona pela cultura brasileira. É por isso que de segunda até sexta-feira pode encontrar muitas oficinas acontecendo no CCBP que tem como principal objetivo reforçar os conhecimentos aprendidos e praticar seu português.

Assistir O Globo tv, vídeos no Youtube, escutar música, dançar, cantar, assistir no Netflix são algumas ideias para que você pratique o idioma. Mas, gosta de assistir filmes ou documentários? Deseja praticar seu português? Ainda não assistiu seu primeiro filme em português? Sério?

O que você está esperando? Esta é sua oportunidade! Cinema Brasil, iniciativa do CCBP e da Embaixada do Brasil, é uma oficina gratuita que você pode conhecer sobre diversas temáticas da cultura

brasileira através dos filmes, documentários, animações e curta ou longa metragem. Sempre acontece nas terças-feiras em dois horários: às três da tarde e às sete da noite. Além disso, não pode faltar a pipoca para acompanhar.

Eu acho que assistir a um filme brasileiro é uma experiência incrível porque você escuta o sotaque das pessoas do Brasil e observa a diferença entre alguém que é do Norte e outro do sul. Cada parte do Brasil tem seu jeito de falar. Outra vantagem também é a expansão de seu vocabulário. Os filmes brasileiros são boas produções de alto nível. Meus atores favoritos são Lázaro Ramos e Wagner Moura.

Aproveite as oficinas do Cinema Brasil e tenha a oportunidade de levar seu português a um maior nível! Tenho certeza que você vai adorar. Então, vamos praticar com um filme brasileiro!?